

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO — Typ. do Anuário Commercial

1 DE JANEIRO DE 1912

N.º 311

Theatro de S. Carlos

Companhia de opera lirica italiana



Rosina Storehlo
Protagonista da «Madame Butterfly»

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de janeiro de 1912

Coube a palavra... aos advogados

SIM, foram os advogados que nos ultimos quinze dias tiveram a palavra. Um no palco de um theatro e dois na sala de um tribunal souberam traduzir na palavra suggestiva e convincente, mais de que a opinião publica: o sentimento publico. E esse, bom é defini-lo primeiro, para que estas considerações não tenham errada interpretação.

O sentimento publico é o que está no fundo de todas as consciencias limpas, é o que se mantém puro, inacessivel a odios e a facções, é o que paira acima das paixões ferozes e das revindictas politicas, é o que é inherente a todos os ideaes de progresso e adversario nativo de tudo quanto é retrogrado e archaico, é o que, superior a quaesquer interesses, acata os preceitos da sociabilidade moderna, e arvora em capitel do edificio social os altos principios da humanidade e da solidariedade humana.

Não, o sentimento publico não é o de uma minoria desprezível, composta de analphabetos, formada por instinctos maus, por soffregas ambições e retalições ferozes: guerra á liberdade, em nome d'ella mesma, horror a tudo quanto é tradição, a essa tradição nacional, que é uma das forças dos paizes fortes, como a Inglaterra e a Allemanha, desacato ás crenças intimas, negação de ideaes, e selvageria de processos. Este é o modo de ver, de pensar e de sentir, de uma parte minima da sociedade, d'aquella que tem da democracia a idéa mais errada e do socialismo uma comprehensão falsissima, d'aquella que entende que governo do povo é exercido pela escumalha das ruas, d'aquella que aggride e maltrata presos politicos, que profana egrejas, que insulta padres, que toma posse á força, por considerá-la sua, da propriedade alheia, que desacata a policia, que provoca a indisciplina, que com o mesmo entusiasmo levanta e derriba idolos, emfim, d'aquella plebe desprezível, da qual dizia Hugo, o maior, o mais eloquente defensor que teve o povo:

*Quant à flatter la foule, o mon esprit, non pas.
Car le peuple est en haut, mais la foule est en bas.*

Foi aquelle sentimento publico que os tres advogados traduziram com fervor, foi a perversão d'esse sentimento que elles vigorosamente verberaram. E foi grande o exito que conseguiram, porque foram justos.

A justiça, no momento que corre, exige coragem. Tiveram-n'a. Foram corajosos, foram valentes, mas d'essa valentia moral que em nome do bom senso, do direito, da dignidade humana, arrosta ou com a furia dos possessos, ou com a imbecilidade dos mentecaptos, ou com os impetos da ralé, ou com a paixão dos facciosos. Elles, de um lado, e de outro lado, a par d'aquelles a cujas opi-

niões silenciosas davam relevo com brilho e com vigor, a phalange dos desorientados, a onda dos illudidos, dos contrarios, dos rebeldes á luz, á verdade, á civilisação! Contra essa vaga rumorosa, ameaçadora, é que o embate foi terrivel, como foi acariante e consoladora a luz que o choque d'esses dois polos subito produziu. Como que se fez uma aberta nas consciencias, sobre as quaes pesava uma nuvem. Quem os ouviu, quem os leu, escutou o proprio pensamento, viu-se no espelho do sentimento proprio. Cada uma das palavras, de que fizeram chicotes para fustigar, parecia ter sido arrancada a tantos labios mudos que se não atreviam a articulá-la, as ideias, que dos seus cerebros explodiram como relampagos, estavam latentes em milhares de cerebros, o que elles sentiam e diziam, é o que sentiam e não diziam os que se sentiam mais portuguezes. Elles proclamavam principios nobres de justiça e de humanidade, e não eram outros os que, na pratica, em acção, queriam vêr os filhos queridos, não da Monarchia derrotada, não da Republica triumphante, mas da patria portugueza. Elles pediam tolerancia para vencidos, e era contra a intolerancia feroz, que um grito abafado, mas angustioso, asphixiava as almas. Em nome da liberdade, com todas as suas prerogativas, do progresso em toda a sua plenitude, da abo-

lição de tribunaes de excepção, por serem condemnados e odiosos, em nome dos interesses da Justiça, elles ergueram a voz, e nem uma palavra ella exprimia que não tivesse sido por todas as consciencias soletrada em silencio, balbuciada a medo.

Foi por isso que esses tres advogados, em locaes diferentes, por fórmas diversas, perante auditorios deseguaes, foram o portavoiz do sentimento publico, o symbolo da alma nacional.



Dr. Cunha e Costa

não precisou descalçar a luva branca. Os governantes soube chama-los á responsabilidade moral e social dos seus actos, aos governados mostrou lhes desde o inicio a trajetoria do seu lamentavel desnorteamento. Pôz em destaque as qualidades boas d'este bom povo portuguez, e teve o tacto delicado de, sem o insultar, lhe indicar as manchas e os defeitos, em confronto com o povo da França. Tirou da sua opulenta panoplia as melhores armas de combate, não para atacar com violencia homens que não estando presentes não podiam ripostar aos golpes arrojados, mas actos por elles ordenados ou exercidos, que provavam a lamentavel *faillite* de homens de Estado, e davam á Europa attonita o espectáculo de uma democracia nova, onde se estava exemplificando e repetindo em pleno seculo xx o que lá fóra, ha cem annos, já fóra condemnado e banido. Toda esta situação instavel foi vista na sua luz verdadeira, toda esta intolerancia, esta nociva cegueira, pô-las o conferente em fóco, com tal poder de suggestão, que os visados, os atingidos, se não entraram no côro das aclamações não tiveram a força de ir contra ellas.

Tem outro genero de coragem o mais moço dos tres advogados: José Duffner. Diante de um tribunal republicano, a poucos mezes de uma revolução victoriosa, em frente de paixões violentas que uma palavra desencadeia e faz explodir, gritou alto que se era um crime ser monarchico, criminosos eram quasi todos os povos, quasi todos os cidadãos da Europa, os mais cultos, os mais

Cunha e Costa no palco do *Republica*, José Duffner e José de Arruela no Tribunal das Trinas.

O primeiro entrelaçou a violencia com o humorismo, com a graça adoeceu a objurgatoria, e com lampejos de bom senso illuminou a situação. Para applicar o tagante á parte desnorteada da sociedade

fortes, os mais avançados, os mais progressivos. Demonstrou que não depende da fôrma politica a felicidade de um povo ou de uma nação, que apenas é obtida pela educação civica, pela superioridade dos que mandam, pela applicação de leis justas e pela proficua solução dos problemas economicos.

Num rasgo de heroica nobreza e de abnegação professional, que roçou pela temeridade, José d'Arruella teve um gesto de ca-



Dr. José d'Arruella

valleiro antigo que pela sua dama offerece o peito ás balas. A sua dama era a Justiça affrontada, vexada. Ergueu-se num impeto, poz toda a sua mocidade ao serviço da sua missão, lançou um repto vibrante aos que procuravam perturbar com apostrophes e violencias a majestade serena da justiça, e impávido affrontou a onda das paixões irritadas.

Foram ellas que cederam, foram os amotinadores que recuaram, foi o advogado que triumphou. Esse gesto, espontaneo, impetuoso, formidavel, marca para sempre uma individualidade. Foi elle que purificou a atmospheria oppressôra que se estava respirando nesse tribunal de excepção. Duas horas depois o vigor da palavra completava o protesto da consciencia. Na sua *tirade*, que ficou memoravel, esse bravo rapaz declarava honrados os que ali se sentavam nas bancadas dos réos, e chamava á barra todos os conspiradores de Portugal, que eram quantos, por formas varias, conspiravam contra a lei, contra a constituição, contra a democracia e contra a justiça.

Essa palavra abriu clarões, e os jurados, absolvendo o accusado de rebellião politica que tal defensor tivera, honraram aquelle gesto e consagraram aquella eloquencia.

E aqui teem como trez simples advogados, com palavras, que muitos não ouviram, mas que um jornal benemerito, *O Dia*, levou, atravez das suas columnas, a todos os pontos do paiz, souberam, num momento grave, diagnosticar o mal perturbante da sociedade actual e formular as aspirações dos que amam esta pobre patria, acima de tudo e... apesar de tudo.

JAYME VICTOR.

PENSAMENTOS

Ha nos imponentes e intactos monumentos de tempos quasi fabulosos e de religiões primitivas, um tal cunho de força e de verdade, que a alma fica como que aniquilada em sua presença.

Se a desillusão do bem, a duvida e a seqidão de alma, são os mais amargos fructos da experiencia de uma longa vida, nada merece no mundo mais compaixão que um coração mirrado pela desconfiança antes de ter vivido.

O POVO FRANCEZ

pelo Dr. Cunha e Costa

Conferencia no Theatro da Republica em 12 de dezembro de 1911

Pela segunda vez, se bem me recordo, tenho o prazer e a honra de trocar impressões com o publico habitual do theatro da Republica. Amo este theatro e amo este publico. Se me perguntarem porquê, talvez lhes não saiba responder. Porventura amo um e outro, porque em ambos encontro o conforto e a communicação indispensaveis a um civilisado mais vulgarisador que original, mais cavaqueador que polemista, nada sectario, grandemente tolerante e, portanto, em condições de ser ouvido, sem protesto, pela grande maioria dos frequentadores d'esta casa.

Esses frequentadores, sobretudo os das noites de gala, constituem, na verdade, uma *élite de arte, fortuna, sangue ou sciencia* — e a todos ponho por ordem alphabetica, para com todos viver em paz — associada áquella outra *élite* que a sorte vária e inconstante da politica ora celebra ora avilta, conforme assim o ordena a logica das multidões, socia commanditaria da loteria da Santa Casa da Misericordia.

No seio d'essa *élite*, sejam quaes fórem as paixões que a dividem, não digo que já se possa falar, mas pôde-se, ao menos, murmurar, o que para nós, latinos e palradores, é allivio, e não pequeno.

O povo francez e o povo portuguez

Se podesse falar com aquella facil elocução dos povos felizes, onde uma voz rabujenta se afoga n'uma risonha indiferença, certamente que não escolheria para thema d'esta breve e desprezenciosa palestra o *povo francez*. A que vem, com effeito, n'esta hora de anciada expectativa nacional, o *povo francez*? Haverá, acaso, entre elle e o nosso, qualquer solidariedade de effeitos politicos ou sociaes immediatos? Em que se parece o alcachinado servo da gleba transmontana, minhota ou extremenha, com o astuto normando, o farto borguinhão, ou o ladino tataraneto de D'Artagnan, e quem jámais ensinou o proprio povo de Lisboa, da minha terra, a amar a belleza, a graça e a riqueza como patri-



Dr. José Duffaer

(Phot. de J. Benoitel)

monio commum da capital e da nação? E se da chamada arraya miuda, que o analphabetismo animalisa ou o semi-analphabetismo asselvaja, passarmos ás pseudo classes cultas, quem nos ajudará a transpôr o abysmo que separa a nossa mendicante situação politica e social, litteraria e artistica, da afortunada e brilhante situação social e politica, artistica e litteraria da França de Briand, Jaurés, Anatole France, Henri Bataille e até — porque não dizel-o? — da perturbadora Yvonne de Bray e da gentilissima Martha Regnier? Não, nada mais diferente de um francez do que um portuguez.

Já o dizia Eça, que, de braço com Ramalho, deu á democracia portugueza as suas *assises* sociaes, — já de todo esquecidas: «A França é um paiz d'intelligencia: nós sómos um paiz de imaginação. A litteratura da França é essencialmente critica: nós, por temperamento, amamos sobretudo a eloquencia e a imagem. A litteratura da França é, desde Rabelais até Hugo, social, activa, militante. A nossa, por tradição e instincto, é idyllica e contemplativa. Não é só por uma fria imitação de Theocrito e dos bucolicos latinos que nós, desde Rodrigues Lobo até aos elegiacos da Arcadia, amamos a écloga pastoril; é porque nós sómos realmente o povo que se compraz em estar quieto entre os choupaes, a vêr correr as aguas meigas, pensando em cousas saudosas. Fomos á India, é verdade, mas quasi tres seculos são passados, e ainda estamos descansando, derreados, d'esse violento esforço, a que nos obrigaram alguns aventureiros que tinham pouco do fundo commum da nossa raça, e que, a julgar por Affonso d'Albuquerque, deveriam ser de origem phenicia, puros carthagineses, talvez da familia dos Barcas. Emfim, o symbolo da França será eternamente

suas forças para vencer ou para resignadamente aguardar, na adversidade, a desforra da fortuna. O portuguez é triste; o seu riso é um *rietus* amargo; não é um *viatico*, é um alcool. De resto, detesta a ironia e não perdôa o epigramma. A injuria deixa-o, por vezes, indifferente, mas sempre a ironia ou o epigramma o enfureceram. Rir *de bon caur* de si e dos outros presuppõe uma alta e intensa civilização. Nós temos ainda a susceptibilidade dos semi-civilizados. Quando vemos um sorriso a bailar ou brincar n'uma pupilla logo entendemos *que fazem pouco de nós*. Na politica e na sociedade portugueza ha odios profundos provocados por uma phrase, um dito, ou um commentario faceto. Quando, ha tempos, um dos mais illustres jornalistas portuguezes ia sendo victima d'uma cobarde e vilissima aggressão, não era esta motivada pela phrase incisiva e erudita dos seus artigos de fundo, mas sim pelo commentario, por vezes mordaz mas sempre culto, das suas locaes e noticias.

E' o francez ameno e gracioso. Até nas altas especulações da sciencia, nas abstracções dos numeros e da philosophia, as suas idéas teem a *silhouette* elegante e a imponderavel leveza de uma parisiense a andar. Chama-lhe um illustre escritor francez «absence de tension, d'effort et de concentration, un je ne sais quoi d'épanoui qui se communique et se donne sans retour en soi même, sans attention à soi, sans l'ombre d'une préoccupation individualiste ou égoïste.» E assim deve ser, na verdade, porque é a graça que valorisa a belleza, a ponto de haver quem diga que a graça é mais bella do que a propria belleza. Só em França, com effeito, é possível um Buffon a escrever com punhos de renda a historia natural do camello!

Pelo contrario, ao gesto do portuguez falta ductilidade e harmonia, ou é pesado e lento ou brusco e hirto; a graça é n'elle um artificio; a sua amabilidade logo se dilue em pieguice e o seu saber em insupportavel pedantismo.

A graça da mulher portugueza

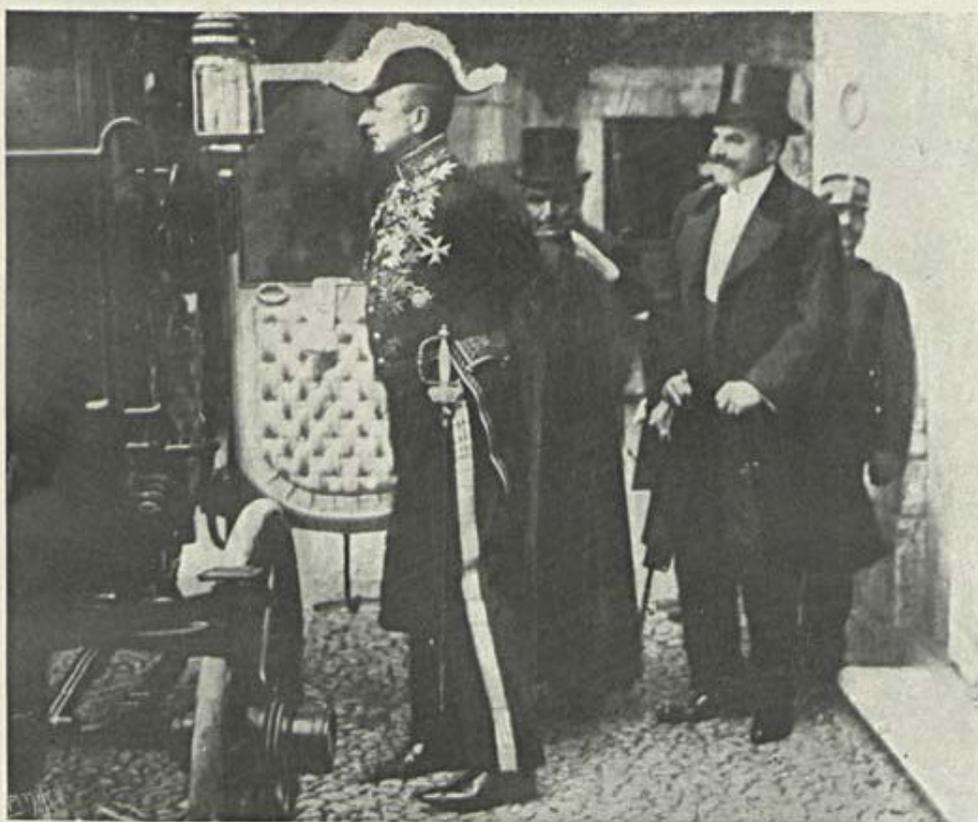
E a decadencia do typo masculino é entre nós evidente. O portuguez, que era physicamente um bello homem, degenera a olhos vistos. Não ha nomes novos na sciencia, na arte, na politica; tambem os não ha no Campo Pequeno. E' cada vez mais limitado o numero dos que pegam de cara um boi ou um syllogismo.

Apenas o typo feminino se adelgaça, afina e singularmente espiritualisa. O typo da lisboeta, por exemplo, não é, com certeza, o que era ha vinte annos. E' melhor e é outra. E' menos gorda sem ser magra; é mais alta e gracil, com uma notavel harmonia de proporções entre o busto e o resto, sem prejuizo da maternidade. Torna-se flexivel, ondeante, envolvente, e pisa leve sem salpicar de lama as botinas ou a fimbria da saia. Ha em Lisboa tres ou quatro duzias de mulheres, com luz propria e irradiante. Além das que estão n'esta sala... que são todas! surgem bellezas extranhas, bizarras: morenas de cabellos louros, louras de olhos negros. E já sabem entreter uma conversação sem tediosas pretensões feministas. O que ellas poderiam fazer, se quizessem, em prol d'esta, por ora, bem desequilibrada democracia!

Em summa: as mulheres não são feias nem são más. Valha-nos ao menos isso. Creio que ha, pelo menos, um ponto em que os meus endiabrados correigionarios estão de accordo comigo: é que a mulher... é o que se leva d'este mundo!

A' graça, qualidade eminentemente franceza, ha que acrescentar a cortezia. Já Luiz XIV, e mais era o rei-sol, a nenhum ou-

A entrega das credenciaes do ministro da Suecia



O sr. ministro da Suecia sahindo do palacio de Belem

(Phot. de J. Benoiel)

o gallo, o gallo petulante e lustroso que canta claro, com uma limpidez de clarim, no fresco arrebol da manhã, e o nosso emblema é e será eternamente o rouxinol, que geme na espessura mal allumiada dos arvoredos, o rouxinol «amavioso e saudoso» que faz chorar Bernardim. A alma de um povo define-se bem a si mesma pelos heroes que ella escolhe para amar e para cercar de lenda. O grande rei para os francezes é e será sempre Francisco I, enorme, robusto, ligeiro, rindo alto, batendo-se valentemente, amando mais valentemente ainda, radiante, gosando largamente a vida, poeta em certos momentos, artista por ostentação, e falador eterno... O nosso genuino heroe, e isto resume tudo, é o poetico e pensativo D. Sebastião.

Demais, o francez é um sanguineo-nervoso, ao passo que o portuguez é um bilioso como geralmente o são os meridionaes e, em particular, os povos mediterraneos, dolicocephalos morenos, italicos ou ibericos. Por isso, ao contrario do que muita gente pensa, fomos excellentes na arte de dissimular, para a qual o francez teve sempre decidida negação.

E' alegre o francez, tão alegre que o riso foi sempre uma das

tro igual, curvava até ao chão, em respeitosa mesura, o seu chapéu emplumado, quando, por acaso, nos corredores de Versailles, encontrava uma simples creada do paço. Em pleno Terror, n'essa abominável saturnal de estupidez e sangue que a critica moderna vae pouco a pouco apontando á execração da historia, os grandes nomes da França continuavam nas prisões, ante-camaras da guilhotina, as tradições galantes da corte e da sociedade e mais de um, depois de n'um olhar de olympico desdem ter afogado o olhar tigrino de Fouquier-Tinville, cedeu o seu logar no cutello a dama ou donzella da mesma fornada para que primeiro morresse, e, portanto, menos penasse.

Ora a cortezia é a essencia do tacto, que tanto nos falta; o tacto que, em tempos, n'um processo defini e cuja definição reproduzo.

«Que é o tacto? E' a arte de viver com toda a gente, sem a ninguem sacrificar a propria individualidade. E' a sciencia das *bienséances*. E' o sexto sentido que nos adverte do instante preciso em que devemos intervir ou nos devemos apagar. E' a observação constante dos outros e de si proprio. E' o *nosce te ipsum*, condição essencial do conhecimento alheio. E' o conceito incisivo ou a phrase galante mettidos a preceito, no logar e na hora proprios. E' a posse e a consciencia de todos os respetos humanos, a noção de todas as superioridades, a comprehensão exacta do que valem, na tabella dos valores humanos, o capital e o trabalho, a tradição e a iniciativa, o commercio e a industria, a sciencia e a arte, os cabellos brancos e a meninice. E' o pharol, o astrolabio e a bussola na rota da vida. E' o horrór dos extremos, do desequilibrio, da desordem, e o justo meio termo, a meia tinta, a harmonia. E', afinal de contas, o que da vida politica e social fica, depois de expurgada das suas impurezas.

Se a tudo isto juntarmos a intelligencia vivaz e prompta, a razão clara, o dom de abstrahir e generalisar, a mais assombrosa e penetrante faculdade vulgarisadora que jámais povo algum possuiu, teremos, em traços breves, definida a psychologia d'esse nobre paiz cujo defeito é o das suas qualidades. Intelligente, culto, cortez, sociavel, vulgarisador, secretario do universo, não é de extranhar que a sua vaidade se exacerbe e por vezes se torne impertinente e até doentiamente insupportavel.

No emtanto nós, que tão pouco nos parecemos com os francezes, para elles somos irresistivelmente atrahidos. Porque? Talvez pelo poder dos contrastes; talvez porque as electricidades de nomes contrarios amorosamente se enlaçam. Seja como fór, a sympathy, que por vezes é paixão e delirio, do portuguez pela França, é uma tendencia nossa, a que bem poderíamos chamar organica. E, sendo assim, o dever do philosopho, do pensador e do patriota é consideral-a e aproveitall-a.

A nossa imitação da politica franceza

Passa-se, pois, a nossa vida a imitar a da França. Mas que imitamos nós, afinal? O que n'um assomo de tedio fez exclamar ao grande Eça: «Portugal é um paiz traduzido do francez, em calão». A nossa imitação da França é, com effeito, puramente formal, como puramente formal fóra a nossa imitação da Inglaterra. Das leis constitucionaes britannicas importámos uma carta outorgada que nunca cumprimos; da França e um pouco de toda a parte importamos uma constituição democratica que talvez nunca cumpramos. E a razão é simples: uma e outra nos ficaram curtas nas mangas; não entendemos nenhuma.

Imitamos a forma, mas a essencia, o substratum, o perfume, o espirito, esses ficaram com quem teceu as idéas e as agglutinou com o seu sangue. E não nos limitamos á imitação puramente formal, pois de todas as formulas a imitar escolhemos geralmente as já gastas e poidas. Da França esquecemos que um demorado e fecundo seculo decorrêra sobre a Constituinte, a Legislativa, a Convenção e a truculenta farça do Terror com os seus *sans-culottes*, as suas *tricoteuses*, o cervejeiro Santerre e o sapateiro Simão. Não lêmos a documentada historia do tribunal revolucionario, gloria imperecível do honrado Wallon. Não compulsamos uma só das multiplas monographias que illuminam esse periodo torvo e funesto. Stenger, Lavisse, Monod, Brentano são-nos desconhecidos, e retalhos de Danton, de Robespierre e de Marat constituem ainda o prato de resistencia do menu democratico indigena. Que admira, pois, que tantos e tão graves erros se pratiquem se um seculo, um demorado e dos mais fecundos seculos, nos separa das furias da guilhotina e dos que por provada incapacidade e dementada ambição entregaram a França generosa e ardente de 1789, ao verdugo primeiro e, logo após, á tyrannia?

A separação da Egreja e do Estado

Porque vimos ainda a França, a filha dilecta da Egreja, romper com esta, logo a opinião sectaria forçou o Provisorio a imital-a. Não é este o logar, senhores, para discutir a oportunidade da medida, á qual todos me sabem radicalmente avêso, pois no que supponho ser o interesse do proprio Estado me teria limitado a exigir o rigoroso cumprimento da Concordata. Demos, porém,

A entrega das credenciaes do ministro da Hollanda



O sr. ministro dos Paizes Baixos

(Phot. de J. Benolle)

de barato que a separação fósse mais do que necessaria, opportuna. Tudo dependia do *modus faciendi*, do espirito da sua execução. Ora com que espirito foi ella executada? Com o da França, de cujas bases se soccorrera? Que illusão! Portugal, o Portugal fidelissimo e christianissimo, da religião official e da Divina Providencia, collaboradora do paço, dos governos e da guarda municipal, passou em vinte e quatro horas para a extrema esquerda do livre pensamento, e tres milhões e meio de analphabetos que não pensam nem deixam de pensar porque ainda não transpuzeram as fronteiras da pura animalidade, tendo-se deitado na vespera com a vaquinha e o burrinho do Presepe acordaram no dia seguinte tu cá tu lá com o Renan e o Strauss a discutir, de sciencia certa, as complexas e perturbadoras questões da origem e do fim do Universo.

Eu sei que muito se tem escripto entre nós ácerca do modo

como a França compreendeu e executou a sua separação da Igreja, e sei-o porque conhecendo, como conheço, esse povo de *élite*, repetidas vezes os commentarios da nossa imprensa me tem alegrado o espirito. Nunca em convívio tão íntimo viveram a

A entrega das credenciaes do ministro da Belgica



O sr. ministro da Belgica e o seu secretario
sahindo do palacio de Belem

(Phot. de J. Benoit)

Egreja e o Estado como depois de separados. Nunca o Estado teve pela Igreja tantos respeito e deferencias. Nunca os templos de tantos fieis se povoaram e nunca os fieis com tanta coragem moral reivindicaram altivamente o direito de pensarem como entenderem. Estava este anno em Evian quando o acaso trouxe ao mesmo hotel o ministerio francez e o arcebispo de Paris. Immediatamente o gabinete em peso tributou ao prelado honras de principe. E' a formosa estação do lago Lemman a preferida pelos membros da Camara e do Senado de França e pelos altos funcionarios da Republica. Pois a grande maioria não duvidava assistir aos actos cultuaes e subsidial-os largamente do seu bolsinho particular. A separação em França! Ah, senhores, o texto da lei é talvez duro, mas a delicadeza, a graça e o tacto com que ella se executa de tal modo lhe quebraram as arestas e amaciaram as asperezas que certamente a Igreja seria a primeira a reclamar contra o restabelecimento da Concordata.

E todos contribuem para essa obra de pacificação: os grandes e os pequenos, os poderosos e os humildes. Circula o clero livremente com os seus habitos talares, insignia tão respeitavel, diga-se de passagem, como a farda do militar ou a minha toga de advogado. E quem o desfeiteia, escarnece ou melindra? Ninguém. A sociedade franceza reputa-o necessario ao seu equilibrio moral. Essa sociedade tão culta, requintada e amena, pensa ainda com Zola, um livre pensador typo, que, apesar de tudo, «para poder supportar as tremendas realidades d'este mundo é indispensavel a eterna mentira do outro».

Se infinitos cuidados reclamou em França a separação, apesar de alli não haver illetrados, apesar da admiravel organização do seu ensino elementar, primario e superior, apesar da sua formidavel e largamente dotada organização laica, que diremos do pobre Portugal, em tantos logares semi-selvagem e entregue exclusivamente á tutela intellectual e moral dos seus abbades? Horror! clamam alguns, os que a preguiça intellectual detem á superficie

dos problemas. Horror, não. . . *facto! facto* com que tem de contar o homem de Estado sob pena de gravitar até á morte dentro do circulo vicioso de uma chimera.

Quem fez na aldeia portuguesa omnipotente o abbade? A incuria dos governos, convenhamos, mas principalmente a miseria publica e a miseria do Estado. Porque é que na aldeia o abbade era tudo? Porque ninguem mais era cousa alguma. Porque ninguem sabia ler e, assim sendo, ninguem podia exercer por si os actos da vida civil, ainda os mais elementares. Quem não lê não pensa; quem não pensa não procede. E assim o padre, além da sua missão puramente espiritual, era conselheiro, advogado, confidante, arbitro de demandas e até achador de objectos perdidos e nas horas vagas, medico. Ah! tem o segredo do poder do cura portuguez. Em que contribuiu elle para os erros e desmandos da politica? Qual a sua quota parte nos *adeantamentos*? Qual a sua responsabilidade nas pretensões colonias das grandes potencias da Europa? Que me respondam concretamente e de um modo satisfatorio.

Depois, a religião é ainda a unica policia moral da grande maioria do povo portuguez. Quantas vezes, na linda bacia que o Vouga banha e fertilisa, ouvi esta phrase: «Se não fóra o temor de Deus tirava-te a vida.» Mas a moral é independente da religião!—exclama-se. Certamente, para mim, para vós, para, digamos, cem mil portugueses que chegaram pelo estudo a uma noção scientifica do Universo. Mas o resto? Onde aprendeu elle outra moral que não fosse a oralmente transmittida por via das parabolias e versiculos dos Evangelhos?

O livre pensamento e o pensamento livre

E assim proseguindo, eu direi que até na sua comprehensão e extensão o livre pensamento portuguez é uma imitação contrafeita do livre pensamento francez. Um parece-me tanto com o outro como a *Gioconda* de Vinci se parece com a *Gioconda* de Ponchielli.

Salvas honrosas excepções, o livre pensamento portuguez é uma seita tão dogmatica e tão intolerante como o mais ferrenho ultramontanismo. Ao *crê ou morres* elle antepõe um *não crê ou morres*, cujo valor scientifico é o mesmo, isto é nullo. Ora o livre pensamento francez tanto não é isso nem com isso se parece que ao *livre pensamento seita* antepõe ha muito o *pensamento livre*, methodo e processo de investigação. Os livres pensadores francezes, que realmente o são, adoptaram ha muito para seu uso o ti-



Barão de S. Pedro

(† a 15 de dezembro de 1911)

Perdeu a sociedade portuguesa, a mais nobre, a mais fina, uma das suas figuras de destaque.

O barão de S. Pedro, Pedro de Castel Branco, doutor pela Faculdade de Medicina de Paris, diplomata, chefe de gabinete de todos os ministros dos estrangeiros, que se succederam n'um longo periodo, publicista, condecorado com muitas ordens nacionaes e estrangeiras, era no nosso meio uma personalidade em evidencia, sabendo realçar todos estes meritos e honrarias com tal integridade de caracter e taes primores de educação, que quem o conhecesse havia de estima-lo e respeitá-lo.

A sua estremosa filha, a sr.^a D. Josephina Castel Branco Ribeiro da Cunha e a seu marido, o sr. conselheiro José Ribeiro da Cunha, apresenta as suas condolencias o «Brasil-Portugal».

THEATROS

THEATRO DE S. CARLOS — Companhia de Opera Lyrica Italiana



Giovanni Giannetti
Maestro director de orchestra



Antonio Vidal
Director artistico

tulo de *pensadores livres* para de modo algum com os primeiros se confundirem. Para o pensador livre o dogma e culto são indifferentes, mas não inimigos, e ha pensadores livres e dos mais eminentes que praticam convictamente religiões varias. E' assim, senhores e senhoras, que eu entendo o livre pensamento. Ao outro, ao de casta, seita, capellinha e ritos prefiro ainda e sempre o catholicismo: é infinitamente mais humano, mais limpo, mais artistico, e horas ha em que allivia e conforta.

(*Continúa.*)

O CHAPÉO

O chapéo revela o caracter de quem o usa.
Posto sobre os olhos indica um madrugador, sagaz, amigo de seus interesses.
No alto da nuca — um pensador.
Deitado para traz — um parvo.
Posto de lado — um vaidoso.
Aquelle que o escóva com a manga do casaco é um fracalhão.



Mario Ancona
Baritono

O que lhe mette dentro as luvas e o lenço é amante da ordem.

O homem que nunca o limpa, é um philosopho (ou desleixado).

O que usa chapéo baixo, é propenso á economia e á obscuridade.

O que usa chapéo alto é um ambicioso.

O que gosta de chapéo de palha é namorador e janota.

Theatro de S. Carlos

Estas paginas reproduzem hoje as primeiras figuras do theatro lyrico. Não ha muito ainda que consagrámos uma chronica a S. Carlos, frisando bem alto que á sociedade portugueza corria o dever para, sobretudo lá fóra não ser considerada selvagem, de não abandonar o theatro, que sendo o primeiro de Portugal, é na arte lyrica, um dos mais cotados da Europa.

Se ao nosso apello não respondeu em absoluto a sociedade de Lisboa, mais lou-



Leon Zinowieff
Tenor



Dugen Eghillor
Tenor

vores merecem ainda os que d'entre os antigos fieis da plateia e dos camarotes, os antigos *dilletanti*, mantem o seu posto de honra e põem os creditos da sua firma pessoal e do seu gosto artistico acima de campanhas, de medos ou de convenções.

Deu-se um caso, crêmos que inedito, de abrir o theatro com uma recita extraordinaria. Para explical-a basta dizer que não podia deixar de ser assim, visto que a empreza queria apresentar outra vez ao publico de Lisboa a sr.^a Storchio.

Foi ella com effeito, quem teve as honras na M.^{me} Butterfly. Se a sua voz não conserva toda a plenitude e brilho dos primeiros annos, em compensação, é tão alta e primorosa a sua arte de actriz, que raras, nos theatros de declamação, pôdem egualá-la. Foi toda a parte representada da *Butterfly* um encanto de execução.

Não quer dizer, porém, que a cantora não tivesse phrases de um grande relevo pelo sentimento que lhes imprimiu. No dueto, por exemplo com o tenor Uetam, que é um artista muito correcto, justificou a sr.^a Storchio o nome de cantora, de ha muito conquistado.

No papel de Sharpless o barytono Guercia revelou todo o poder da sua voz forte e bem timbrada, e a sr.^a Pancrazi, na parte de Suzuki, sustentou bem o papel.

No dia de Natal foi, em primeira recita de assignatura, a *Aida*, em que a sr.^a Crestani conquistou a platéa *au premier abord*. E' uma cantora, de excellente apresentação, voz magnifica, sentimento, plena comprehensão do personagem. Teve de bisar a aria *O terra, addio! Mai più ti riveddero*, tal foi a superioridade e o brilho com que a cantou.

Na parte de *Radamés* Zinowief justificou a consagração que lhe fez o publico de Varsovia, na *Amneris*, a sr.^a Hotkowsk, que é uma mulher gentil, foi uma cantora impecavel. Os outros interpretes da *Aida*: Ancona, Rossato, etc., são já estimados e applaudidos de ha muito, pelo publico de Lisboa. Orchestra, guarda-roupa, scenario e córos, satisfazem as exigencias do nosso theatro lyrico.

GILIATT.

THEATROS

Republica — *Mão esquerda* reprise, peça em 3 actos. *O Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, adaptação de Affonso Lopes Vieira — **Gymnasio** — *O Mano Augusto*, comedia em 3 actos, adaptação do allemão por Xavier Marques. — **Colyseu** — Companhia de opereta italiana.

Com a reprise da peça *Mão esquerda* e a primeira representação do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, adaptado primorosamente á scena moderna por Affonso Lopes Vieira, realiso este anno a sua festa artistica no **Republica**, que decorreu brilhante, o insigne actor Augusto Rosa, gloria legitima do nosso theatro. A primeira era já conhecida do publico e nada mais temos a acrescentar senão que o desempenho continuou a ser felicissimo por parte do festejado e de Chaby, Henrique Alves, Angela Pinto, etc. — A segunda, joia preciosa do theatro portuguez antigo, é uma critica mordaz aos costumes da época em que foi escripta, mas que vae tendo ainda, em parte, cabimento. Sem enredo, tem o condão de nos interessar, e para isso contribue poderosamente o trabalho de Au-

Theatro de S. Carlos

Madame Butterfly

ACTO 2.^o



Ide!



E uma flôr encarnada no cabelo...



Giacomo Puccini

Auctor da partitura da «Madame Butterfly»

gusto Rosa, que nos deu um Diabo interessante, divertido, em summa, o Diabo idealizado por Gil Vicente, estamos certos. E' mais um trabalho de vulto a enriquecer a sua immensa galeria de typos, e este não é dos menos interessantes. Pelo auto perpassam varias figuras, como um *Fidalgo*, um *Frade*, um *Sapateiro*, uma *Alcoviteira*, etc., etc., e que foram optimamente desempenhados por Chaby, Azevedo, Henrique Alves, Adelina, Luz Velloso, Aura, e outros. Uma noite deliciosa; e se a peça teve o condão de agradar á Rainha D. Maria, em 1517, quando enferma, não menos nos agrada agora, que, em boa hora digamos, vamos caminhando sãos e escoreitos, que é um louvar a Deus.

— Tivemos ultimamente no **Gymnasio** uma peça em 3 actos intitulada *O Mano Augusto*, adaptada do allemão por Xavier Marques, e que subiu á scena em recita do actor Augusto Machado, hoje director de palco d'aquelle theatro. Como as de todo o repertorio d'aquella casa de espectaculos, o seu fim unico é fazer rir, e conssegue-o sem esforço, sendo as situações, de effeito e os typos, originalissimos, entrando até uma graciosa chineza, que foi habilmente desempenhada por Judith, a quem felicitamos pelo seu difficil trabalho, tão ingrato pelo perigo de cahir no ridiculo, o que a distincta actriz soube evitar. Augusto Machado foi muito festejado; tem na peça um bom papel. E temos ainda a destacar no desempenho Albuquerque, Tristão, Zeferino, José Soares e Hirsch, que nos deu uma excellente caracteristica, genero a que se adapta com facilidade e de que tanto carecemos no nosso theatro.

— Novamente nos visitou a companhia de operetta italiana *Città di Firenze* e cujo successo no **Colyseu** se mantem, tendo-nos dado já o *Conde de Luxemburgo*, *Viuva Alegre*, *Saltimbancos* e *Geisha*.

RUY.

ANIMATOGRAPHOS

N'estas casas de espectáculo as enchentes vão continuando, accentuando-se principalmente nos dias de festa, pois dão-nos espectaculos baratissimos e interessantes, com fitas comicas e dramaticas para agradar a todos os paladares. Assim o **Salão da Trindade**, **Chantecler**, **Chiado Terrace**, **Olympia**, **Salão Foz**, **Phantastico** e **Central**, todos á compita procurando dar maior numero de novidades, regorgitam de gente, prometendo-nos para breve grandes attracções, que



Com honra morra quem não soube viver com honra

no proximo numero registaremos. No **Rocio Palace** ha sessões ás 6, 8 e 10 horas, em que tomam parte artistas hespanholas, francezas e italianas, que nos delicia com as suas cançonetas e bailados.

Auto da Barca do Inferno

*Vem uma Alcoviteira,
per nome BRIZIDA VAZ,
e grita de dentro:*

BRIZIDA

Hou da barca, hou lá!

DIABO

Quem me chama?

BRIZIDA

Brizida Vaz.

DIABO

Eia, aguarda-me, rapaz:
por que não vem ela já?

COMPANHEIRO

Diz que não ha de vir cá,
sem Joana de Valdeis.

DIABO

Entrae vós, e remareis.

BRIZIDA (*entrando*)

Não quero eu entrar lá.

DIABO

Que saboroso arreçar!

BRIZIDA

Não é essa barca a que eu cato.

DIABO

E trazeis vós muito fato?

BRIZIDA

O que me convem levar.

DIABO

Qu'è o que haveis d'embarcar?

BRIZIDA

Mil virgindades postiças
e tres arcas de feitiços,
que não podem mais levar.Tres almarios de mentir,
e cinco cofres d'enleios,
e alguns furtos alheios,
assi em joias de vestir;
guarda-roupa d'encobrir:
enfim casa movediça,
um estrado de cortiça,
com dez cochins d'embar.A mór cárrega que é,
essas moças que vendia;
lá d'essa mercadoria
trago eu muita á bofé.

DIABO

Ora ponde aqui o pé.

BRIZIDA

Hui! eu vou par'ó Paraiso.

DIABO

E quem te disse a ti isso?

BRIZIDA

Lá hei d'ir desta maré.

Eu sou ùa mártel tal,
açoutes tenho eu levados,
e tormentos suportados,
que ninguem me foi igual.
Nest'outra barca me fundo,
vou-me a ela, é mais real.
S'eu fosse ao fogo infernal,
lá iria todo o mundo!

O poeta Affonso Lopes Vieira

Adaptador do «Auto da Barca do Inferno» de Gil Vicente

*Ressuscitando dos arquivos e adaptando quanto possível à scena de hoje os autos de Gil Vicente, presta Affonso Lopes Vieira à arte nacional o mais valioso dos serviços.**O «Auto da Barca do Inferno», que com tamanho exito acaba de ser representado no Theatro «Republica», veio abonar os creditos do poeta e para sempre ligar o seu nome ao do glorioso fundador do theatro portuguez.**Chegando a Barca da
Gloria, diz ao Anjo:*Barqueiro, mano, meus olhos,
prancha a Brizida Vaz.

ANJO

Eu não sei quem te cá traz.

BRIZIDA

Peço-vo-lo de giolhos,
Cuidais que trago piolhos.
Anjo de Deus, minha rosa?
Eu sou Brizida a preciosa,
que dava as moças ós mólhos.A que criava as meninas
pera os conegos da Sé.
Passae-me por vossa fé,
meu amor, minhas boninas,
olhos de perlinhas finas!Que eu sou muito doutrinado,
devota e martirizada,
e fiz obras mui divinas.Santa Ursula não converteo
tantas cachopas como eu...

ANJO

Ora vae lá embarcar,
não m'estês importunando.

BRIZIDA

Pois estou-vos alegando
o porque m'haveis de levar.

ANJO

Não cures d'importunar,
que não podes ir aqui.

BRIZIDA

E esses todos que eu servi,
pois não m'hade aproveitar!Hou barqueiro da má hora,
ponde a prancha, que eis me vou;
e tal fada me fadou,
que pareço mal cá fóra.

DIABO

Ora entrae, minha senhora,
e sereis bem recebida.
Se vivestes santa vida,
vós o sentireis agora.

.....

*Ouvem-se, ao
longe, trombetas
de guerra.**Vêm quatro fi
dalgos, CAVA-
LEIROS da Or-
dem de Christo,
que morreram nas
partes d'Africa.*

1.º CAVALEIRO

À barca, á barca segura,
guardar da barca perdida:
á barca, á barca da vida.Senhores, que trabalhais
pola vida transitoria,
memoria, por Deus, memoria
dêste temeroso cais.À barca, á barca, mortaes;
porém na vida perdida
se perde a barca da vida.

DIABO

Cavaleiros, vós passais,
e não me dizeis p'ra ond'is?

1.º CAVALEIRO

E vós, Satan, presumis?...
Atentae com quem falais.

2.º CAVALEIRO

E vós que nos demandais?
Sequer conhecei-nos bem:
morremos nas partes d'alem,
e não queirais saber mais.

THEATRO DA REPUBLICA — O Auto da Barca do Inferno



Uma scena

ANJO

Ouve-se musica de or-
gam.

O cavaleiros de Deos,
a vós estou esperando;
que morrestes pelejando
por Christo, Senhor dos ceos.

Sois livres de todo o mal,
santos por certo sem falha;
que quem morre em tal batalha,
merece paz eternal.

As trombetas e o or-
gam tocam com força,
emquanto o pano desce.

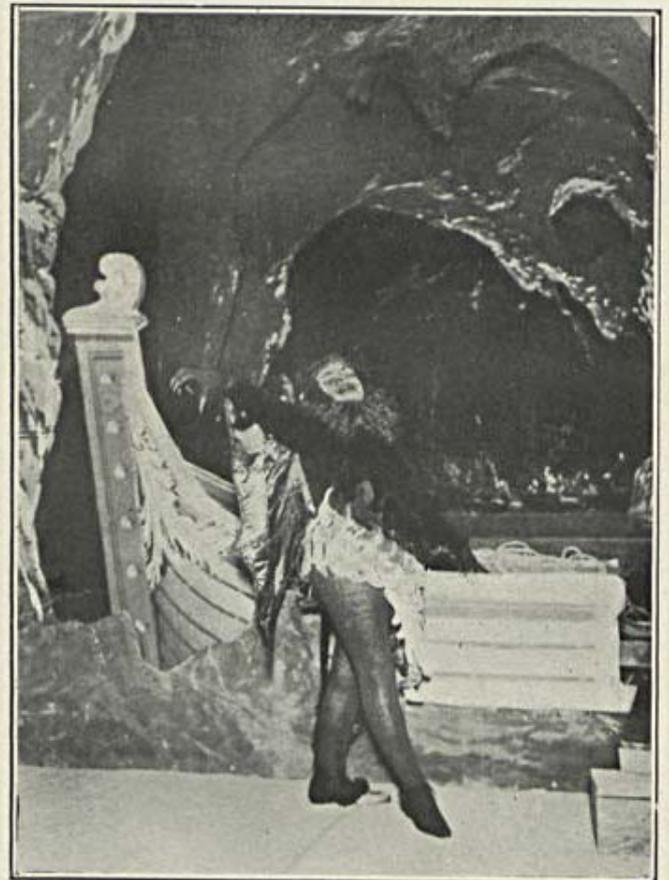
Aqui fenece a scena

O discurso do sr. dr. José d'Arruella

.....
O meu constituinte é accusado de ser conspirador. Mas como a propria lei de 28 de dezembro de 1910 não define, não especifica o que é ser conspirador — e antes, por sua calamitosa redacção, tanto pôde ser applicada a gregos como a troyanos — isto é, a anarchistas, a socialistas, como aos monarchicos, eu pergunto a mim proprio ha muito, e agora o faço a este douto tribunal, o que é que significa, ou o que é neste momento historico, em Portugal, *ser conspirador*?

Se ser conspirador é attentar por qualquer fórma contra os principios politicos e democraticos pelos quaes, *in nomine*, se rege o paiz — eu então não terei duvida em proclamar do alto d'esta tribuna, com todo o desassombro, e sem receio de desmentidos, que os maiores, os mais authenticos, os mais perigosos conspiradores, não são aquelles que aqui se teem sentado n'este banco de réos — e que d'aqui teem sahido — meu Deus! — uns para as escuras cellas das Penitenciarias, outros para os presidios do Degredo, e só alguns raros para a restituição da liberdade. . .

Ah! não, senhores jurados, se ser conspirador em Portugal é atraiçoar a verdadeira, sagrada e alta democracia, ou é atraiçoar os principios de 89 — essa ensanguentada mãe politica de todos nós —, se ser conspirador é attentar contra o respeito e segurança



THEATRO DA REPUBLICA — O Auto da Barca do Inferno
Augusto Rosa no papel de «Diabo»

(Phot. de A. C. Lima)

d'esses nobres e immortaes principios — então conspiradores são-no todos aquelles que se encontram officialmente a dentro d'este Tribunal, e até inclusivè o proprio Povo que me escuta.

Conspirador, sr. Juiz-Presidente — é V. Ex.^a porque está, como representante do Poder Judicial, presidindo a um julgamento



THEATRO DA REPUBLICA. — Uma scena da «Sonata»

que representa, como ha pouco demonstrei, uma criminosa, perigosa e revoltante infração á Constituição Política da Republica e um atropello aos proprios *Direitos do Homem*, de 1793.

Conspirador é o Representante do Procurador da Republica porque sendo S. Ex.^a, por dever do seu cargo, um fiscal das leis,

veredictums proferidos em anteriores julgamentos teem creado mais odios e antagonismos moraes á Republica do que todos os conspiradores nos seus presumidos alliciamentos.

Conspiradores são os senhores todos — o Publico — o Povo que me escuta porque deixando-se embuir e explorar por palavras sonoras e tendenciosas, consentem que a Constituição seja hoje calcada em detrimento especial dos chamados *conspiradores monarchicos*, sem se lembrarem que *amanhã*, aberto o precedente, ella será novamente postergada para os esmagar a todos, sem distincção de ideaes, ou socialistas, ou anarchistas, ou independentes quando ousem acaso desagradar aos dictadores democratas, com os seus principios iconoclastas, com as suas reivindicações economicas ou sociaes!

Conspirador sou eu tambem, sr. *Juiz Presidente*, porque do alto d'esta tribuna da defesa estou proferindo palavras que vão ferir a Republica no coração — porque estou demonstrando que ser republicano e ser democrata não é defender a Republica com intolerancias, com violencias, nem com servilismos torpes e criminosos ante a populaça açulada pela ignorancia e pelo odio.

— *O' liberdade! O' liberdade! quantos crimes se teem commetido em teu nome!* Disse-o um dia nas escadas da guilhotina Madame Roland. E' que para ser democrata não basta gritar em voz tribunicia, ou em grito de collareja, vivas á liberdade e á Republica — é necessario dignificar as palavras pelo exemplo, reconstitui-las pela acção, dar-lhes vida pelo facto. Tão novo sou, e tão sceptico me tem feito o espectáculo social da vida politica do meu paiz, que já sinto os ouvidos cerrarem-se-me obstinadamente a todas as reclamações e programmas, só acreditando no que de bom ou mau eu veja e observe e só pois a *realização* me prestigiando as doutrinas — d'onde resulta o eu preferir a liberdade como ella se *pratica* na monarchica Inglaterra áquella liberdade como se *pratica* na democratica França.

Mas, proseguindo, os maiores conspiradores não são, srs. jura-



THEATRO DA REPUBLICA. — Correios e Telegraphos — Final do ultimo acto (Phot. de A. C. Lima)

não invocou no seu despacho a nullidade da offensa aos principios da não retroactividade e do actual Direito Constitucional Portuguez.

Conspiradores são os srs. jurados porque acabando eu de lhes revelar que n'este Tribunal se está violando a Constituição Política da Republica Portuguesa, Vv. Ex.^{as} permanecem sentados e firmes nos seus logares, não lavrando o seu protesto, não se retirando d'esta sala apezar da Constituição declarar que ninguem é obrigado ao cumprimento das leis inconstitucionaes. Conspiradores são ainda, os srs. jurados, porque com as suas decisões ou

dos, os homens que aqui se teem sentado, e os que se encontram ainda presos nos fortes de Lisboa. *Não!*

Os maiores conspiradores são os homens que dentro da Democracia, veem contra os principios democraticos, commettendo todos os attentados. *Conspiradores* são os homens que em nome d'uma democracia que significa tolerancia e liberdade, despejam a sua sanha feroz contra a Igreja, roubando-a na sua independencia material, confiscando-lhe titulos doados ou legados pelos particulares com designação expressa da applicação dos seus rendimentos — e contra o clero! — como se o clero portuguez não

fosse, com raras excepções, liberal, irmão d'esse outro que nos tempos de D. Maria I e da intendencia de Manique formavam com o Padre Antonio Pereira de Figueiredo, o abbade Correia de Serra, o padre Theodoro de Almeida, Monsenhor Gordo e outros, o baluarte das *novas idéas* que, n'essa quadra, eram sem duvida um pouco mais novas do que hoje — e um pouco mais heroico o manifestal-as do que durante os tempos do sr. D. Carlos ou do sr. D. Manoel. . .

Conspiradores?! Conspiradores são aquelles que transformaram, sem conscientes resultados sociaes ou economicos, uma parte do povo portuguez, e das multidões portuguezas, que eram ignorantes e analphabetas, mas bondosas e sentimentaes — n'uma horda desenfreada de individuos cheios de odio, maus, sanguinarios, que veem da Rua onde a tudo e a todos insultam e enxovalham — para as salas augustas d'estes tribunaes, insultar igualmente com o seu odio, aquelles que sentando-se n'este banco dos réos se devem considerar duplamente sagrados: — sagrados porque são

ram, tacitamente, a destruição de jornaes já então ao abrigo das leis da Republica, da Liberdade de Imprensa. . .

Conspiradores — foram aquelles que mandaram reprimir em Setubal a tiro e á pranchada os desgraçados grévistas d'essa cidade, com tal violencia, até hoje impune, que quatro cadáveres de operarios e de uma mulher attestam hoje pelas suas ossadas, a nobreza ductil e persuasiva das armas do exercito republicano!

Conspiradores!? *Conspiradores* — foram ainda os homens que, quando um bando de famintos proletarios desempregados se dirigiu ao Terreiro do Paço a reivindicar o Direito ao Trabalho, em nome da sua fome e da dos seus filhos, obteve igualmente como unica resposta a repressão de sabres e o esgrimir de bayonetas.

Conspiradores — são os homens que ainda ha dias, a proposito d'esse ridiculo *fait-divers* das chinezas, mandaram acutillar e fuzilar o povo de Lisboa com uma violencia nunca n'esta capital presenciada e sentida em minha vida.



NO THEATRO DA REPUBLICA — A orchestra portugêza da qual faz parte Vianna da Motta

(Phot. de J. Benoliel)

homens de bem e sagrados porque os cobre a protecção da Lei e da Justiça.

Conspiradores?! Conspiradores são os que transformaram o povo das ruas, n'uma horda impenitente sem intuitos moraes, sem qualquer consciencia social, sem instrucção que o oriente, sem já bondade que o equilibre, sem o sentimentalismo da raça que o inspire, sem saber d'onde vem historicamente — *porque o ensinaram a odiar o passado* — e sem saber para onde quer ir, nem onde está, porque não lhe deram nunca, nem lhe dão ainda hoje, a minima educação dos problemas scientificos e economicos que o podia desviar eficazmente do odio pelo odio, da politica *tout court*, sem fins e sem principios. . .

Conspiradores são ainda os homens que ferem os generosos e sagrados principios democraticos, mandando encerrar arbitrariamente em prisões infectas milhares de individuos presos a esmo, consentindo uma instrucção demoradissima, não respeitando sequer os direitos de um terço de innocentes — como o proclamou João Chagas, nem respeitando as victimas de vinganças pessoais e tórpes — como o denunciou o ex-ministro da justiça da Republica, o sr. dr. Leote.

Conspiradores?! — Conspiradores foram os homens dirigentes que consentiram, sancionaram com a sua abstenção e até approva-

Conspiradores?! — Conspiradores são os homens que nos primeiros mezes da Republica mandaram a esmo para a Africa, incriminados como vadios, falsamente, homens cujo unico crime era o de serem considerados como inimigos da sociedade e a quem nem pude valer com o meu soccorro profissional.

Conspiradores — são aquelles que nas ruas apedrejam n'um dia esse austero homem de bem que se chama Antonio José d'Almeida — que era uma força prestigiosa da verdadeira Democracia — no outro dia o intemerato revolucionario e jornalista Machado Santos — e n'outra hora de cobardia dementada aggridem o eminente jornalista, honra e gloria da imprensa portugueza, Moreira d'Almeida.

Conspiradores?! — Conspiradores são os que não podem contestar o que o deputado Adriano Mendes de Vasconcellos declarou, em pleno parlamento, que a Republica só em tres mezes creára um deficit de 1:600 contos os que estão miseravelmente vivendo do expediente dos duodecimos e sem nos darem contas do nosso dinheiro.

— *Conspiradores?!*

Conspiradores são aquelles que durante perto d'um anno estiveram fazendo viver a nação debaixo do jugo arbitrario, disperso, cahotico, caprichoso e illegal, da Associação Secreta dos Carbona-

THEATRO DA TRINDADE — A Princesa dos Dollars



A scena final do 2.º acto

rios, declarando afoitamente a ordem publica mantida, telegraphando para o estrangeiro a inalterabilidade da ordem — e si-



THEATRO DA TRINDADE — A Princesa dos Dollars
Corrêa e Raphaela Fons (Phot. de A. C. Lima)

multaneamente consentindo todas as prisões feitas por civis, consentindo todas as delapidações — sem terem a coragem moral e juridica de declararem, leal e abertamente, suspensas as garantias, no decurso do chamado periodo revolucionario.

Conspiradores são essas dezenas de deputados e de senadores que, com illustres e rarissimas excepções, todos os dias dentro das salas dos parlamentos nacionaes, aquellas mesmas salas onde parece resoar ainda a palavra, hoje humilhada, de tantos oradores estudiosos, intelligentes e immortaes alguns, bolsam toda a especie de mediocridades ostensivas em assumptos de escandalosa puerilidade pessoal e que alli estarão até 1914!

Conspiradores, finalmente, são aquelles que por suas palavras proferidas ou escriptas, por seu radicalismo impolitico, por seu sectarismo jacobino, por seu febril demagogismo, destruidor de todo o fio de transitoria continuidade psychica, moral, social e religiosa — creáram esta atmospheria irrespiravel de intolerantismo, cuja gravidade, com seus clarões vermelhos, dia a dia se accentua na sociedade portugueza. *Conspiradores* são esses que geráram na alma d'esta sociedade esse escusado e já hoje talvez irreductivel conflicto entre a Republica e a Crença, entre a Republica e a Tolerancia, entre a Republica e a Educação, os Habitos e a Intelligencia, que vinha sendo, talvez egoista, mas mais culta no mundo politico, no mundo parlamentar e no mundo burocratico. . .

Esses que eu venho de vos denunciar é que são os verdadeiros conspiradores, perigosos para a segurança da Republica. . . Se A amais defendei-a pois d'esses — porque os outros — os outros — são apenas os filhos d'esses, tanto como a lava que irrompe ás vezes do fundo convulsionado das crateras, é a filha do fogo que corroe e incendeia as entranhas da Terra. . .

GYMNASTICA RESPIRATORIA

A gymnastica respiratoria ou de reeducação respiratoria, constitue, para as creanças que não sabem respirar, (entre nós são quasi todas) uma preparação indispensavel, não só para os exercicios da gymnastica como para os jogos e esportes.

Diz o dr. Paul Desfosses, cirurgião adjuncto do Hertford-British-Hospital, na sua esplendida monographia ácerca da gymnas-

THEATRO DA RUA DOS CONDES — Fandango e Maxixe



2.º acto



Irene de Carvalho (Irene Pinto)

As artistas de canto, nacionaes, não são em tão grande numero que não deva registrar-se com jubilo o nome de Irene de Carvalho, mais conhecida no mundo lyrico por Irene Pinto.

Muito nova ainda, tendo encetado ha pouco a carreira theatral, conta já bastantes triumphos, o que basta para assignalar o seu merito de artista. Irene de Carvalho, que em Milão teve por mestres Cassini e Vidal, debutou no theatro «Duca di Genova», de Spezzia, na opera nova «Boero». Cantou a seguir nos theatros lyricos de Bolonha, Turim, Napoles, Syracusa, Palermo, Malta, Florença e Siena. Na Suissa cantou em Livorno e Lucerna, na Austria em Rovereto. Na companhia Castellano fez uma «tourné» em Inglaterra, cantando em Manchester, Liverpool, Margate, Ramsgate, Tourquay, Brighton e Londres, e dentro de alguns dias vão os inglezes applaudi-la de novo no «King-Way New Opera House», de Londres.

Irene Pinto, que apenas conta vinte annos, tem revelado os seus dotes artisticos, a sua excellente voz, primeiro de mezzo-soprano e actualmente de soprano-dramatico, nas operas: «Carmen», «Mignon», «Trovador», «Gioconda», «Fausto», «Cavallaria Rusticana», «Butterfly», «Amigo Fritz», «Rigoletto», «Hungenotes», «Iris», «Linda de Chamounix», etc.

É o retrato da gentil artista portugueza que encima estas linhas.

tica respiratoria: «Il est lamentable de voir, comme il arrive trop souvent encore, des enfants travailler dans les Institutes de gymnastique alors qu'ils sont incapables de respirer convenablement. Chercher à développer de gros muscles sur une poitrine étroite, faire courir des enfants qui respirent mal, constituant des fautes physiologiques qui ont les plus fâcheuses conséquences.»

São estas, algumas das principaes razões que nos tem levado a fazer a propaganda d'esta gymnastica e, ainda que só estas existissem, eram mais que sufficientes para que n'estes dez annos, que tanto temos trabalhado, tivesse merecido um pouco mais de attenção da parte dos directores e reitores das escolas e lyceus do nosso paiz, a gymnastica respiratoria.

Continuando n'esta tarefa, vamos tentar aqui dar aos nossos leitores a ideia de algumas noções praticas.

A gymnastica respiratoria, carece da parte do professor para com o alumno de uns certos preliminares.

O primeiro ponto a attender e o mais importante é sobre a maneira do alumno se assoar, isto é, de desobstruir as fossas nasaes, das mucosidades que possam conter. A grande maioria das mães não sabem assoar os seus filhos. Para que uma creança se assoe racionalmente, é indispensavel que comprima apenas uma narina enquanto a opposta largamente aberta dá passagem ás mucosidades; assoar-se-hão assim alternada e simultaneamente as duas fossas nasaes.

O segundo ponto é fazer o alumno ser auscultado por um medico. E' isto indispensavel para o professor ter a certeza da permeabilidade das fossas nasaes e da integridade pulmonar do seu discipulo. O medico deverá auscultar com toda a attenção o alumno e examinar-lhe cuidadosamente as fossas nasaes e o fundo da garganta, sendo para este fim, muito melhor consultar um especialista em rhinologia. Na auscultação deverá ser notada qualquer obscuridade do pulmão e a quantidade e qualidade do ruido vesicular.

O terceiro diz respeito ao vestuario. Para os rapazes, a melhor maneira de fazerem a gymnastica respiratoria é com o torso nú, ou então coberto com uma camisa larga, de flanela. Para as meninas uma bluzza larga e um calção-saia apertado no joelho.

O quarto ponto a attender é a questão do local aonde deve ser feita a gymnastica. N'uma sala bem arejada, sem poeiras e com janellas por onde entre o sol. Melhor será em sitio arborizado aonde não haja poeiras ou, ao ar livre e com sol.

O quinto e ultimo d'estes preliminares diz respeito ás horas em que deve ser feita esta gymnastica.

A melhor hora é de manhã entre o primeiro e segundo almoço ou então de tarde antes do jantar, mas ainda com sol. O estomago não deve estar cheio porque não permittirá o livre funcionamento do diaphragma. Após estes preliminares vamos entrar no assumpto.

A gymnastica respiratoria é como toda a gymnastica sueca, uma gymnastica essencialmente EDUCATIVA mesmo quando, apenas é feita com um fim hygienico.

Programma

A primeira cousa que o professor tem de ensinar ao seu discípulo é a contrahir os musculos inspiradores, isto é—**EDUCAR-LHE os centros nervosos respiratorios**—o que constitue a parte essencial e mais importante do programma. A segunda é fortificar (desenvolvendo-os por exercicios apropriados) estes musculos ins-

Gymnastica respiratoria

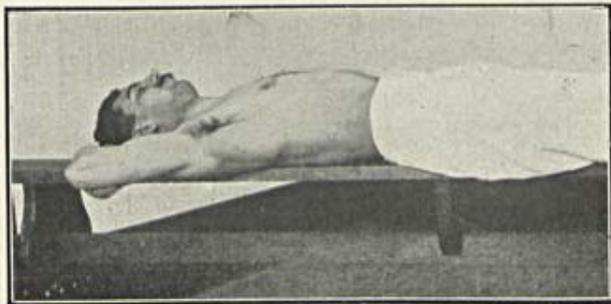


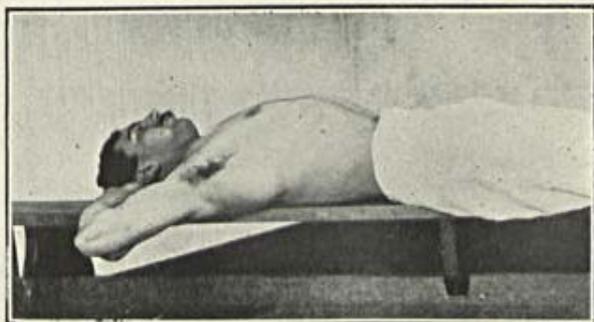
Fig. 1. — Frederico Paredes, professor de gymnastica sueca da Policia Civica de Lisboa e da Escola Academica, discípulo do professor Furtado Coelho. — Posição deitada — Uma expiração completa. Nota-se a perfeita retracção abdominal e o abaixamento notavel do thorax. A columna toda apoiada.

piradores, isto é—**EDUCA-L'OS**. A terceira, finalmente, é fazer trabalhar com facilidade as multiplas articulações que unem as vertebraes entre si e estas ás costellas, isto é—fazer adquirir a maxima mobilidade costal. Vê-se portanto que em parte e no todo, esta gymnastica é—**Pedagogica**.

Educação dos centros nervosos

A reeducação respiratoria consiste, essencialmente, no ensino da maneira como devem ser feitas, pelo nariz, inspirações lentas e profundas e completas expirações.

Para isto se conseguir torna-se, como já dissémos, necessario e indispensavel que as narinas se abram bem durante o movimento



Gymnastica respiratoria

Fig. 2. — Posição deitada. Uma inspiração profunda. Nota-se toda a columna encostada ao apoio e a acção dos grandes dentados. Os musculos da parede abdominal em contracção forte, contendo as visceras abdominaes nos seus logares, afim de offerecerem pontos d'apoio ao diaphragma, para bem desempenhar a sua função inspiratoria.

da inspiração. A muitas creanças, porém, principalmente ás pseudo-adenoidaes, acontece fechar as narinas precisamente n'este momento.

E' portanto de primeira necessidade ensinar ás creanças a dilata-las no momento da entrada do ar; para tal fim será de grande utilidade fazer com que executem uma especie de carêta, franzindo o dôrso do nariz, o que lhes abrirá as narinas naturalmente, e no

fim de algum tempo as creanças saberão dilata-l'as á vontade, independentemente das contracções dos musculos contiguos.

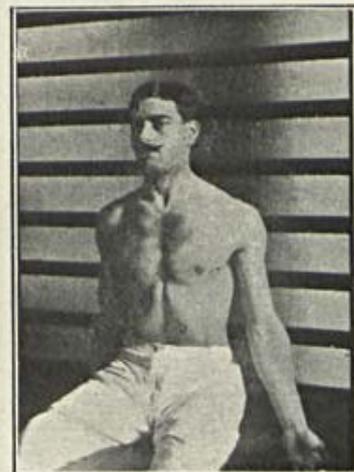
O musculo principal da respiração é o diaphragma. No começo da pratica d'esta gymnastica é preciso habituar a creança a movimentar regular e *voluntariamente* o diaphragma, servindo-se á vontade da respiração diaphragmatica abdominal, assim como da costal superior, para depois melhor conhecer as diferenças que existem entre uma e outra.

Segue-se que o primeiro exercicio deverá ser o dos movimentos da *respiração diaphragmatica*, praticado em decubito dorsal (posição deitada). As creanças que tem difficuldade em respirar pelo nariz, sentem geralmente esta difficuldade augmentar quando deitadas de costas; importa portanto *habitua-l'as a respirar pelo nariz n'esta posição*, que deve ser tomada da seguinte maneira: Deita-se a creança de costas sobre uma meza ou banco, com as mãos collocadas por baixo da cabeça (Figuras 1, A' 2) em extensão sobre o ante-braco, com os cotovelos encostados á meza.

N'esta posição a cabeça poderá fornecer pontos fixos d'apoio aos musculos inspiradores, escalenos e sternocleido-mastoidens e as omoplatas aos musculos grandes dentados. O professor perto da creança explica-lhe o que é a respiração nasal e faz-lhe executar cinco a seis respirações, sendo a inspiração e a expiração feitas pelo nariz. A inspiração deve ser lenta: quando a creança faz uma inspiração brusca as azas do nariz fecham-se impedindo assim a entrada do ar. As paredes do abdome devem levantar-se de uma maneira synchrona, a cada dilatação inspiradora do thorax e abaixarem-se no movimento da expiração. O professor regulará o rythmo respiratorio levantando a mão durante a inspiração e abaixando-a durante a expiração, devendo ser lentos estes movimentos.

Depois de por esta fórma ter ensinado a *respiração diaphragmatica* passará o professor a ensinar a *respiração costal superior*, (figuras 1 e 2).

Começará por explicar á creança que, para esta respiração ter lugar, não deve movimentar o ventre, mas sim a parte superior do thorax, isto é, deve elevar as costellas a cada inspiração e abaixa-las (figura C) o mais possivel na expiração para o que, devem as fibras do musculo grande peitoral serem finas e comprimidas. A expiração deve ser sempre seguida de um momento de pausa. No começo o professor poderá auxiliar os movimentos da expiração, fazendo com as mãos, pressões sobre o thorax da creança, no sentido do abaixamento natural das costellas, isto é, a pressão não deverá ser feita n'um sentido normal mas n'um sentido obliquo de cima para baixo.



Gymnastica respiratoria

Fig. 3. — Posição sentada. Encostado ao espaldar. Vê-se a vastidão dos grandes peitoraes, denotando o comprimento das suas fibras. Desenvolvimento physiologico perfeito.



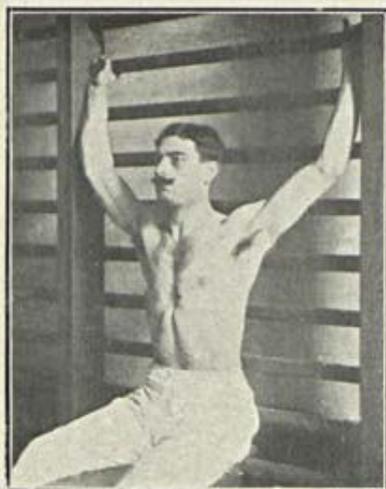
Gymnastica respiratoria

Fig. 4. — Posição suspensa em apoio sentado. Demonstração do comprimento das fibras do musculo grande peitoral. Fibras fusiformes, o contrario do que acontece nos atletas.

(Phot. de A. C. Lima)

Depois do alumno ter aprendido a respirar deitado, deverá aprender a respirar na posição — assentada —.

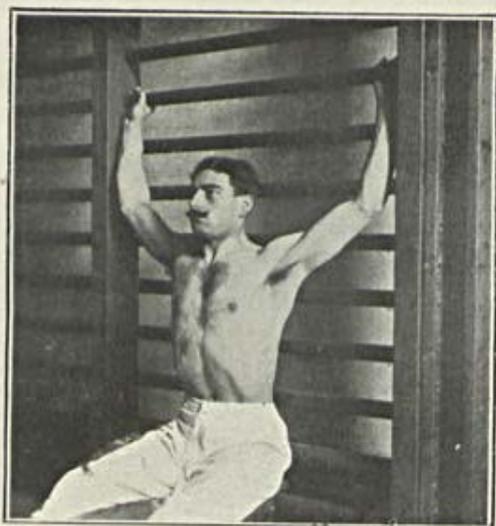
Para este fim o professor fará assentar o alumno n'um banco ou melhor será montado, com o dórso todo apoiado desde a região sagrada a uma parede ou a um espaldar, (figura 3)



Gymnastica respiratoria

Fig. 5. — Momento de pausa, n'uma expiração profunda na posição suspensa com apoio — sentado. — Vê-se o thorax completamente despejado; o angulo do xyphoideu fechado e os musculos da parede abdominal bem contrahidos. Os hombros bem descahidos e puxados para traz e a columna toda encostada ao espaldar.

Depois do alumno adquirir o habito de se manter n'esta posição deve ser dispensado o apoio e, desde este momento, poderá o professor



Gymnastica respiratoria

Fig. 6. — Fim de uma inspiração profunda na posição suspensa com apoio — sentado. — Vê-se o angulo do xiphoideu bem aberto, o ventre retrahido e os hombros bem descahidos e puxados atraç — sem esforço. — A columna toda encostada ao espaldar. As contracções dos musculos sterno-cleide-mastoi-deu e das fibras superiores do trapezio são devidas á «inspiração profunda».

do as mãos passarem á rectaguarda além da linha dos hombros; a expiração coincide com a volta á posição de mãos no peito.

Assim que alumno souber permanecer na attitude assentada

A cabeça bem erecta, com o queixo recuado, os hombros bem descahidos e puxados para traz, o ventre bem recolhido, os braços pendentes e as mãos abertas com os dedos bem unidos.

No começo para desassociar as contracções synergicas dos musculos angulares da omoplata e rhomboides, deverá o professor recommendar ao alumno voltar as palmas das mãos para fóra obrigando o humero, a uma rotação.

O alumno ficando muito bem apoiado ao muro ou espaldar, deixará comtudo descahir para a frente, o pezo do corpo.

A inspiração será feita lenta e profundamente sendo immediatamente seguida de uma expiração completa.

começar a fazer executar movimentos com os braços. São apenas dois os movimentos que aconselhamos.

1.º — Braços aos lados: que se executa conjugado com a inspiração, fazendo coincidir a expiração com o voltar á posição positiva.

Este movimento deve no começo, ser feito com o auxilio do professor.

2.º — Mãos no peito; extensão dos cotovelos. A extensão é conjugada com a inspiração, deven-

do sem esforço passará o professor a ensinar a posição de pé, que os suecos designam pela palavra — «Stallning» e nós pela de — Sentido

No começo encostará o alumno ao muro ou espaldar de modo que os calcanhares, nadegueiros, toda a columna vertebral e a cabeça se encontrem apoiados.

Os calcanhares bem unidos e os pés abertos em angulo recto, as pernas tensas, os joelhos unidos, as cóxas tensas e unidas, os musculos nadegueiros contrahidos, o ventre recolhido, a bacia iliaca puxada para a frente e para cima, os hombros descahidos e puxados para traz, a cabeça bem erecta com o queixo recuado e olhando em frente n'um plano um pouco acima do horizontal. O pezo do corpo deve cahir sobre a planta dos pés. N'esta posição e sem d'ella se afastar repetem-se os movimentos respiratorios já fei os na posição assentada na cadencia de 16 a 18 inspirações e expirações por minuto até o alumno, adquirir a facilidade de permanecer n'esta posição.

Assim que tal succeda, dispensar-se-ha o apoio dorsal e o alumno collocar-se ha de pé apoiado apenas no solo.

Para verificar se a posição está bem tomada, impelle-se com as pontas dos dedos o busto do alumno pelo peito ou pelas costas, de uma maneira rapida e brusca, sem o prevenir. Se o alumno mantiver a attitude é porque está n'uma posição estavel, o que é essencialissimo. N'esta posição executará os mesmos movimentos já indicados para a posição assentada e ainda:

Braços aos lados, e conjuntamente a elevação dos calcanhares. Inspirar quando elevar os calcanhares e os braços; a expiração executa-se durante o movimento de retorno á posição primitiva.



Gymnastica respiratoria

Fig. 7. — Posição sentada com as mãos na nuca. Nota-se a contracção dos musculos rhomboides avolumando por baixo do trapezio. Os hombros bem recuados e descahidos, portanto sem haver a vulgar synergia dos musculos angulares da omoplata. Vê-se mais o bom e perfeito desenvolvimento dos musculos do hombro e do braço, e a rectidão da columna.

Educação e desenvolvimento dos musculos necessarios á respiração

Dissêmos que a segunda parte do programma da reeducação respiratoria tinha por fim fortificar e desenvolver os musculos inspiradores.

Para este fim adopta-se um certo numero de movimentos gymnasticos apropriados a exercitarem os musculos da parede abdominal, os fixadores das omoplatas e os fixadores da cabeça.

Mobilisação das articulações

Afim de se alcançar a facilidade e elasticidade das articulações costaes, combinam-se os movimentos gymnasticos apropriados a desenvolver os musculos necessarios á respiração com movimentos gymnasticos que fazem movimentar as articulações vertebraes.

Estas duas ultimas partes conjugam-se e praticam-se simultaneamente.

Dezembro 1911.

FURTADO COELHO.